

PSICOPEDAGOGIA E AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: olhares sobre uma Instituição de Ensino Superior.

Warlen Fernandes Soares Marques¹
Maria Eugênia Castanho²

Resumo

Este artigo discute a contribuição da disciplina Avaliação Educacional para a atuação e formação psicopedagógica. Tem como objetivo identificar mudanças na postura do educador ao cursar Especialização em Psicopedagogia no que se refere à prática de avaliação. Trata-se de um estudo de caso, cujo sujeitos são os alunos da primeira turma do curso de Especialização em Psicopedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, formada em 1997.

Abstract

This article discusses the contribution of the discipline Educational Assessment to psychopedagogical practice and training. It aims to identify changes in attitudes on the practice of assessment, among educators taking a Specialization course in Psychopedagogy. It is a case study, the subjects of which are students from the first group of the specialization course in Psychopedagogy at the Pontifícia Universidade Católica at Campinas, who graduated in 1997.

¹ Mestre em Educação pela PUC-Campinas; Professora de TCC no curso de Pedagogia da PUC-Campinas; e-mail: edlen@uol.com.br

² Doutora em Educação pela Unicamp. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Puc-Campinas; e-mail: meu@dglnet.com.br

Palavras-chave

Avaliação educacional; psicopedagogia; curso de especialização PUC-Campinas.

Key-words

Educational assessment; psychopedagogy; PUC-Campinas specialization course.

A melhor maneira de ser universal é descrever a própria aldeia.
(Tolstoi)

Introdução

Para desenvolver o presente estudo adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: localização, junto à secretaria do curso, dos sujeitos a serem investigados; contato com os sujeitos; elaboração de questionários para os alunos; análise de fontes primárias: documentais (plano de curso da disciplina de Avaliação Educacional, sínteses dos textos produzidos pela professora e entregues aos alunos); depoimentos; anotações feitas na sala de aula e análise bibliográfica.

O interesse em estudar este tema surgiu a partir de reflexões sobre a avaliação como um poderoso instrumento de poder no contexto escolar. Pretendemos lançar olhares sobre a postura do educador-psicopedagogo ao avaliar, podendo, dessa forma, contribuir para futuras reflexões e inquietações.

Inicialmente apresentamos o percurso metodológico adotado e características do curso de Especialização em questão.

Em seguida, propomos uma definição com relação ao termo, dada a complexidade de terminologias em torno deste, expomos um breve histórico da avaliação educacional e aludimos ao caráter de uma prática formativa de avaliação educacional.

O perfil profissional dos sujeitos é traçado e destacados os depoimentos considerados significativos para o desenvolvimento da pesquisa. Os sujeitos do estudo conduziram nosso olhar para o caráter contraditório da avaliação, seus meandros e possibilidades de mudança.

Para situar-se no contexto

Ao abordarmos a Psicopedagogia e sua dimensão no campo da avaliação educacional, aflora uma nova maneira de percebermos a prática avaliativa, como mediadora do processo de ensino e de aprendizagem. O curso de Especialização, aqui estudado, foi instituído em fevereiro de 1997. A priori, o caráter do curso era formar psicopedagogos para atuarem em instituições de ensino: onde estaria sendo exercida a Psicopedagogia escolar preventiva.

Ao analisarmos o conjunto das diversas disciplinas do Curso, percebemos que a Avaliação Educacional ganhava um t3nus muito peculiar. Refletia-se na pr3tica docente das alunas (psicopedagogas em forma33o) uma mudan3a na forma de avaliar e principalmente de perceber o conhecimento como algo provis3rio e em constante processo de constru33o. O enfoque preventivo adotado pelo curso elevava a import3ncia de perceber o aluno como um ser cognoscente capaz de superar seus pr3prios limites.

Partimos do pressuposto de que ainda h3, em nossas escolas, uma pr3tica marcadamente tecnicista, tanto no que se refere aos aspectos did3ticos quanto 3 pr3tica de avalia33o. O psicopedagogo atuante na escola sustenta a 4nfase na aprendizagem e na avalia33o processual.

Ao analisarmos a pr3tica de avalia33o entendemos que o fracasso ou o sucesso escolar n3o s3o por si s3 capazes de revelar as compet4ncias do educando, tampouco o dom3nio t4cnico do professor. Para estudar o tema proposto, torna-se fundamental conhecer como o aluno aprende e como o professor ensina. A correla33o entre essas duas pr3ticas ser3o elementos promovedores de cr3ticas sobre o modo como o aluno 4 avaliado. O que propomos 4 um novo olhar sobre avalia33o que tamb4m leve em considera33o os saberes e conhecimentos que o aluno adquiriu fora de sala de aula. A compreens3o sobre esse processo n3o poder3 ocorrer de informa333es fragmentadas, requerendo um olhar sem preconceitos sobre o aluno.

Buscou-se ao longo da pesquisa uma metodologia que pudesse dar conta do recorte espec3fico que fizemos na abordagem da tem3tica. O estudo de caso pareceu-nos, ent3o, mais apropriado. L3dke e Andr3 (1986) estabelecem algumas caracter3sticas fundamentais para o estudo de caso, dentre elas a de que a interpreta33o de um contexto real3a aquilo que se est3 procurando.

Para n3s, autoras, neste tipo de estudo, devemos nos ater 3 realidade na qual o objeto de estudo est3 inserido. Um princ3pio b3sico desse tipo de estudo 4 que, para uma apreens3o mais completa do objeto, 4 preciso levar em conta o contexto em que ele se insere. Trivin3s colabora para que entendamos melhor o que 4 um estudo de caso ao indagar:

O que 4 um estudo de caso? 4 uma categoria de pesquisa cujo objeto 4 uma unidade que se analisa aprofundadamente. Esta defini33o determina suas caracter3sticas que s3o dadas por duas circunst3ncias, principalmente. Por um lado, a natureza e abrang4ncia da unidade [...]. Em segundo lugar, tamb4m a complexidade do Estudo de Caso est3 determinada pelos suportes te3ricos que servem de orienta33o em seu trabalho ao investigador. [...] (1997, p. 133-134).

Reconhecemos esta pesquisa como qualitativa, pois objetiva produzir um conhecimento que leve 3 reflex3o/ transforma33o e n3o apenas 3 constata33o de dados ou fatos. Uma pesquisa por si s3 n3o transforma se n3o estiver relacionada a um trabalho que agregue o coletivo e, antes disto, a uma reflex3o sobre as pr3ticas pedag3gicas cotidianas.

Neste estudo os dados qualitativos e quantitativos se complementam, ajudando a entender a realidade pesquisada.

Em questão: a especialização como ponto de partida

Estamos vivendo neste início de século uma profunda reestruturação em vários movimentos sociais. O capitalismo mergulhado em sua crise exige que governo e cidadãos revejam não só os seus conceitos, mas também o papel que ocupam hoje no mundo.

Essa reestruturação não está distante da escola. Ao contrário. Será nas escolas e universidades que o debate profícuo dos padrões exigidos ora pelo mundo do trabalho, ora pelas implicações deste mundo na vida de cada cidadão, deverá ser uma fonte inesgotável de debates, visto que se encontra na Universidade o pensamento crítico, o saber científico e a compreensão de que não podemos nos conformar com as mazelas pelas quais todo o sistema de ensino está passando.

A Especialização em Educação e Psicopedagogia foi o ponto de partida para que muitos educadores realizassem uma reflexão sobre a prática educativa e avaliativa. Atualmente existem inúmeros cursos de Especialização em Psicopedagogia. Todos devem atender às exigências do Conselho Nacional de Educação quanto à carga horária, a critérios de avaliação, à formação do corpo docente e a outras. Contudo a estrutura curricular, normas ou critérios mínimos do conteúdo não são regulamentados pelo CNE, o que permite uma grande diversidade na formação.

Para melhor clarificar o olhar do leitor, explicitamos que o Curso de Educação e Psicopedagogia da PUC-Campinas foi planejado constando de atividades e disciplinas que defendiam o desenvolvimento de conteúdos que visavam ampliar a percepção do aluno sobre a sua própria prática, considerando sempre o seu contexto social e as suas condições de trabalho. Outras disciplinas, embora mais teóricas, entrelaçavam o processo de aprendizagem em diferentes situações e campos específicos do conhecimento, para que o aluno/psicopedagogo explorasse os processos envolvidos na aquisição do conhecimento nas diferentes áreas.

Para darmos aporte à prática, realizamos um estudo documental que trouxe novos elementos que puderam ser comparados ao depoimento dos alunos, mediante a leitura dos questionários. Estamos de acordo com Bardin, ao expor: “Por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar [...]” (1970, p.14).

Novas questões convidam o estudioso a uma discussão de natureza ampla sobre a conduta do educador no que se refere ao ato de avaliar. O psicopedagogo deve dispor de um saber que transite em todas as áreas próximas à construção do conhecimento, de modo que sua postura supere o modelo tradicional de educação.

Psicopedagogia: em busca de um conceito

Entender a Psicopedagogia exige ter em mente a necessidade da compreensão dialógica. Tratar a capacidade de aprendizagem com base nas trocas requer do educador um contínuo aprimoramento de conhecimentos capazes de transformar a prática docente em um processo de reconstrução do saber antes apropriado. Tal constatação incita a uma necessidade de produzir mais conhecimentos científicos sobre o tema.

A Psicopedagogia surge no Brasil como um curso de especialização na década de 70, sendo uma proposta que parte da premissa de que é preciso responder ao problema do fracasso escolar. A sua principal preocupação eram os sintomas apresentados quanto às dificuldades de aprendizagem. Tais dificuldades eram concebidas como um produto a ser tratado, desconsiderando, neste dado momento histórico, sua preocupação com o processo de ensino/aprendizagem. Isso se revelou insuficiente para o êxito escolar.

O trajeto pedagógico vai-se consolidando à medida que a Psicopedagogia rumo a uma autonomia enquanto área de conhecimento. Isto se dá na década de 80. A partir desse ponto, o enfoque passou a ser mais abrangente, considerando o sujeito epistêmico com suas capacidades e habilidades e, acima de tudo, portador de uma história que merecia realce, que possuía singularidades.

Dessa maneira, a Psicopedagogia abriu um portal para que o aluno pudesse ser ouvido em suas múltiplas vozes, e a sua aprendizagem passou a ser vista como um processo de construção/desconstrução/reconstrução que antes não havia.

Assim, torna-se viável, embora não seja uma via de mão única, transformar a cultura do fracasso, presente em nossas escolas, em cultura do sucesso.

Para estabelecermos uma definição da Psicopedagogia, tomamos alguns caminhos investigativos. Procuramos levantar na literatura obras de referência que dessem subsídios à proposta deste estudo.

Com base em nossa pesquisa, o conceito que mais se encaixa na proposta deste trabalho é o abordado por Scoz:

Área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades e que, numa ação profissional, deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os (1987, p.02).

Consideramos a escola como um espaço privilegiado para a transmissão cultural e de conhecimentos científicos e também como um meio propagador de valores. Isso nos leva a adotar uma postura crítica frente à realidade escolar, a fim de percebermos as causas intra e extra-escolares responsáveis pelas dificuldades no processo de aprendizagem.

Tratamos a questão da avaliação à luz da Psicopedagogia, visto que esta é uma área de estudo que oferece muitos subsídios práticos e teóricos para o

embasamento desta pesquisa. É no dia a dia que os desdobramentos da relação escola e sociedade se revelam. Neste contexto, a avaliação educacional surge para modelar, hierarquizar e reforçar as relações de poder dentro da escola. Concordamos com Fernandez, quando afirma:

Claro que para tentar modificar um modelo já armado, é preciso não só pôr em jogo a criatividade, mas também confrontar-se com a culpa que gira o pertencer a um setor privilegiado, envolver-se como pessoa, além do profissional, correr o risco de encontrar-se com o possível fracasso inerente a toda inovação, conectar-se não só com os limites dos demais... mas também com os próprios [...] (1990, p.25).

A avaliação está sendo percebida pelos atuais estudiosos como uma prática que necessita mudanças, visto que não está cumprindo o seu papel de diagnosticar e mediar o nível de conhecimento dos alunos, naquela etapa do seu desenvolvimento, de forma a contribuir para a construção de um conhecimento realmente significativo. Isso ocorre porque o professor ministra os conteúdos de maneira homogênea para alunos em diferentes etapas do desenvolvimento.

O real quadro de avaliação no Brasil ainda está longe daquele que imaginamos ser o ideal, pois está alicerçado sobre os padrões burgueses de educação, sendo mais um instrumento de manutenção de sua hegemonia.

Finalmente, sabendo que a avaliação educacional e Psicopedagogia encontram-se entrelaçadas, a presente pesquisa poderá vir ao encontro das necessidades de educadores que pretendam nortear sua prática a partir de uma nova concepção do ato de avaliar. Destaca-se aqui a real importância de um curso de formação de psicopedagogos que ofereça em seu currículo uma visão crítica a estes novos profissionais que anseiam por mudanças e indague: o que significa ensinar para quem ensina? Como se apresentam as reais capacidades de mudança frente à tríade escola-psicopedagogo-aluno?

Interferir na prática exige embasamento teórico e uma ampla percepção das reais necessidades dos alunos. O depoimento que se segue revela que o antigo e o novo método de avaliação continuam presentes no trabalho pedagógico.

Considerando a questão da avaliação escolar de modo amplo, infelizmente verificamos que sua prática nas escolas não se alterou muito, mantendo em grande medida o velho esquema de provas e notas para determinar o aproveitamento dos alunos. As crianças que chegam à clínica continuam trazendo medo e angústia diante dessas avaliações.

Pensar assim implica que estes cursos de formação tenham que se debruçar especialmente sobre a formação do professor para se estabelecerem relações maduras geradoras de conflitos capazes de propor, dentre outros aspectos, uma nova maneira de avaliar. Cabe, entretanto, questionar: o que o educador está buscando ao ingressar em um curso de Especialização em Psicopedagogia? Frente às primeiras respostas é possível encontrar um eixo capaz de estabelecer uma relação entre a prática de avaliação do educador como aluno de especialização e sua prática na escola no papel de educador. Estaremos formando, portanto, processos educativos que favoreçam reflexões e quiçá transformações, pois percebemos o fundamental: seres humanos transformando a qualidade de suas relações.

Segundo Maia, no modelo atual de educação, “a perfeição do modelo se contrapõe à imperfeição da realidade. Não se leva em conta o que o aluno já atingiu, mas o que falta atingir. Não se considera as suas conquistas, mas seus fracassos”. (1999, p.47).

Assim, enfatizamos que os métodos de avaliação ocupam, sem dúvida, espaço relevante no conjunto das práticas pedagógicas aplicadas aos processos de ensino e aprendizagem. Na Universidade, tal relevância assume proporções ainda mais críticas, uma vez que as expectativas em torno do graduando ou pós-graduando – dele para consigo mesmo e da sociedade – são elevadas e múltiplas: espera-se o homem culto, o profissional competente, enfim, o indivíduo capacitado à resolução de problemas pertinentes a uma ou mais áreas do conhecimento. Avaliar, neste contexto, não se resume a mecânica de conceito formal e estatístico; não é apenas atribuir notas obrigatórias à decisão de avanço ou retenção.

Note-se o depoimento desta vice-diretora:

Devido a trabalhar em uma escola com alto índice de evasão e muita indisciplina, posso dizer que a avaliação foi a chave do sucesso, pois abriu a minha mente esclarecendo a importância da conquista dos alunos e resgatando a sua auto-estima. O segredo de tudo é fazer com que o aluno sinta prazer em estar na escola.

A avaliação deve apresentar-se como imprescindível à constatação do aprendizado efetivamente apreendido pelo aluno, ao mesmo tempo em que forneça uma revisão sobre o trabalho docente, direcionando o esforço empreendido no processo de ensino e aprendizagem. Contempla a melhor abordagem pedagógica e o mais pertinente método didático adequado à disciplina e também ao contexto sócio-político-cultural no qual o aluno está inserido e, em especial, às condições individuais do aluno. Tarefa não muito fácil.

Avaliação educacional

Na busca da compreensão dos mecanismos institucionais que regem a prática de avaliação nos deparamos com um fato já constatado, porém merecedor de reflexões. Os mecanismos formais de avaliação centram-se nos aspectos atitudinais e valorativos. Este processo engendra um jogo de poder que segrega o forte do fraco, o bom do ruim, o inteligente daquele que não aprende. Contestamos esses aspectos por acreditarmos que nossas escolas, tão habituadas a importar modelos educacionais, ainda não mergulharam numa mudança de postura avaliativa.

Enguita (1989) esclarece que a escola surgida na sociedade de classes traz uma visão capitalista de educação. A escola, desse modo, foi criada para responder aos anseios dominantes. Nesse contexto, a avaliação cumpre o papel de incentivar a competição através de notas classificatórias, desconsidera aspectos de solidariedade e prepara crianças e jovens para o mercado de trabalho, sem

tecer críticas ao sistema. A matriz positivista realça aquilo que a classe dominante procura manter: seu *status quo*.

Em defesa de uma prática formativa de avaliação

Para darmos sentido à idéia que defendemos em torno de uma avaliação formativa, fomos buscar o conceito desta prática.

O processo avaliativo requer intencionalidade, determinando a forma pela qual o educador utilizará os resultados obtidos. Além disso, exige predisposição para a mudança na ação educativa, transformação de uma práxis, isto é, de uma ação refletida, que sinaliza para a transformação da identidade profissional.

Observe-se a fala desta educadora:

Sempre acreditei na avaliação diferenciada, embora não ache fácil realizá-la. Continuo usando a avaliação como uma ponte entre o que o aluno não sabe e o que ele precisa aprender. Luto por qualidade em minhas aulas. Acredito que a partir da sala de aula posso movimentar mudanças, mesmo que sejam pequenas.

A fim de possibilitarmos uma visão mais ampla sobre as idéias expressas pelos sujeitos, associamos dados estatísticos que pudessem fornecer um panorama do perfil dos ex-alunos do Curso estudado.

A maioria dos sujeitos (72,72%) cursou graduação na PUC-Campinas. Fator significativo pelo fato de retornarem à instituição para dar continuidade à vida acadêmica.

Dentre os sujeitos, 63,63% atuam em área educacional. Esse fato pode indicar alguns aspectos: preferência pela prática educativa escolar; impossibilidade de abrir e manter uma clínica psicopedagógica; falta de espaço nas empresas para atuação do psicopedagogo, dentre outros aspectos. É relevante destacar que a maioria dos sujeitos exerce atividade docente há mais de 15 anos.

Ao abordarmos a questão da formação continuada, 54,54% responderam que não prosseguiram com atividades acadêmicas por falta de tempo em função do trabalho.

Sobre a importância da disciplina avaliação educacional na formação docente do psicopedagogo, todos os respondentes consideram-na importante para a sua formação, realçando os aspectos didáticos-metodológicos utilizados pela professora da referida disciplina. A maioria dos sujeitos (72,72%) afirma-se muito motivada em relação às aulas de Avaliação Educacional. Nesta questão especificamente, os sujeitos tecem a importância do enlace teoria e prática vivenciados na disciplina.

Embora a maior parte dos sujeitos atue em escola, 54,50% afirmam não atuar em área psicopedagógica. Isso talvez ocorra porque, em nossas escolas, a Psicopedagogia ainda não é entendida como uma prática paralela à prática docente.

Considerações finais

Optamos pela temática desta pesquisa não por acaso. Todo olhar, como bem notou Habermas (1987), é interessado. Nosso interesse foi o de, a partir de uma experiência vivida em intensidade, aprofundá-lo.

Investimos nossos esforços em estudar a importância da disciplina Avaliação Educacional, especificamente do curso de Especialização em Educação e Psicopedagogia da PUC-Campinas, na atuação psicopedagógica.

Sabemos que Avaliação e Psicopedagogia são práticas que se entrelaçam. Por esse motivo, conduzimos o nosso olhar para o especialista em Psicopedagogia também no que se refere a uma postura crítica frente à sua formação e buscamos identificar se houve ou não mudanças na postura do educador/avaliador. Intentamos um longo caminho que nos permite tecer algumas considerações sobre esses dois aspectos.

Intentamos, no início desta pesquisa, situar o leitor no contexto do curso estudado, expondo a trajetória percorrida para a abertura da primeira turma deste Curso. Destacamos também a opção da Faculdade de Educação pela postura preventiva do curso. Delimitamos o nosso referencial teórico e o percurso metodológico por nós escolhido.

Posteriormente, fizemos uma incursão pela Psicopedagogia e estabelecemos a escolha de um conceito que desse conta de abarcar o tema sem o viés terapêutico, tão amplamente difundido.

Tão logo a Psicopedagogia foi explicitada, percebemos a necessidade de fazer o mesmo com a avaliação. Delineamos nossa postura por uma prática formativa de avaliação. Somemos a isso a parte considerada a mais rica deste trabalho: a voz dos sujeitos. Mediante as respostas obtidas através de questionário aplicado é que tecemos as Considerações finais de nossa pesquisa.

Este estudo constata que novas práticas avaliativas emergiram a partir do Curso de Especialização em questão e que o especialista em Psicopedagogia possui uma visão crítica frente à sua formação como avaliador. Os sujeitos deste estudo conduziram o nosso olhar para o caráter contraditório da avaliação, seus meandros e possibilidades de mudança.

Com base nessa perspectiva, ficou clara a influência da professora da disciplina Avaliação Educacional para que tais mudanças se efetivassem. Havemos de perguntar: haveria tais mudanças caso a professora fosse outra? Certamente um

novo estudo poderia nos mostrar com mais evidência essa questão. Salientamos a maneira apaixonada, entusiasta e competente com que a disciplina foi ministrada.

A realização da pesquisa revelou-se fascinante pelo contato com os sujeitos, busca literária, estudos sobre as duas temáticas abordadas: Psicopedagogia e Avaliação Educacional. A identificação dos psicopedagogos com a professora da disciplina Avaliação Educacional destaca-se em vários segmentos do estudo e torna-se muito emocionante em virtude do fato de que quem plantou estas sementes não teve tempo de vê-las brotar.

Ao fazermos um recorte em uma disciplina de um dado curso numa determinada Instituição da dimensão da PUC-Campinas, percebemos que esta disciplina passou a ser um eixo norteador de mudanças na prática avaliativa dos sujeitos em questão. Cremos que os educadores sentiram-se contagiados pela proposta ousada da professora em questão e provocados através da teoria estudada sendo levados a rever conceitos e atitudes.

Por fim, lembramos Castanho ao expor:

Principal ator na situação universitária, o professor é um sujeito histórico, vive num contexto social e político que deve ser levado em conta para que se entendam suas ações. Urge pensar numa forma de ensinar e aprender, que inclua ousadia de inovar as práticas de sala de aula, de trilhar caminhos inseguros, expondo-se, correndo riscos, não se apegando ao poder docente, com medo de dividi-lo com os alunos e também de desvencilhar-se da racionalidade única e pôr em ação outras habilidades que não cognitivas apenas. Pensar-se como participante do desvelamento do mundo e da construção de regras para viver com mais sabedoria e com mais prazer. (2000b, p. 87).

Precisamos pensar a Universidade, a sala de aula, os conteúdos ministrados para os atuais e desafiadores tempos. Uma disciplina bem organizada, com conteúdos definidos a partir do interesse do grupo classe e com um profissional competente para ministrá-la pode propagar mudanças profícuas na vida de professores dispostos a uma nova prática docente, conforme esta pesquisa tentou mostrar. O presente estudo respondeu a algumas questões e suscitou muitas dúvidas sobre a prática avaliativa e sobre a Psicopedagogia. Outro não é o papel da pesquisa como processo: instigar, perquirir, buscar e levantar novas indagações.

Referências

- AFONSO, A. J. **Avaliação educacional: regulação e emancipação: para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas.** São Paulo: Cortez, 2000.
- BARBOSA, L. M. S. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar.** Curitiba: Expoente, 2001.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Universidade de França. Edições 70, 1977.

- CASTANHO, S. Ainda Avaliar? In: CASTANHO, S., CASTANHO, M. E. (orgs). **O que há de novo na educação superior? do projeto pedagógico à prática transformadora.** Campinas, SP: Papyrus, 2000a.
- CASTANHO, M. E. L. M. A criatividade na sala de aula. In: VEIGA, I. P. A. CASTANHO, M. E. (orgs). **Pedagogia universitária: a aula em foco.** Campinas, SP: Papyrus, 2000b.
- DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação da educação superior.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ENGUITA, M. F. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo.** Porto Alegre: Artes médicas, 1989.
- FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada – abordagem clínica da criança e sua família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1976.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU (Coleção Temas básicos de Educação e Ensino), 1986.
- MAIA, E. M. (org). **Uma orientação educacional nova para uma nova escola.** São Paulo: Loyola, 1999.
- SCOZ, B. J. L. (et. al.). **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação profissional.** Porto alegre: Artes Médicas, 1987.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Libertad, 1994.

